



Representações de criatividade dos Educadores de Infância

Paula Pequito*

Introdução

O presente artigo constitui um resumo da dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, Área de especialização - Educação da Criança, da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Denomina-se "Representações de Criatividade dos Educadores de Infância" e tem como campo de observação Jardins de Infância, nas suas diferentes formas de organização espacial e temporal, bem como as opiniões dos Educadores face ao desenvolvimento da criatividade em Jardins de Infância.

Teve como intenção descobrir se o desenvolvimento da criatividade é considerado pelos Educadores como um objectivo do Jardim de Infância, e de que forma pensam que este desenvolvimento pode ser realizado.

Pretendeu-se também, de acordo com os aspectos organizativos considerados pelos Educadores como significativos para o desenvolvimento da criatividade (espaço, tempo, actividades), verificar como estes se operacionalizam em diferentes instituições.

É um estudo qualitativo tendo como instrumento de recolha de dados inquéritos a Educadores, fichas identificativas das Instituições, plantas das salas, fichas de organização do espaço e do material das salas e grelhas de registo de actividades ao longo de um dia.

Analisámos os inquéritos por questionário de 33 Educadores e fizemos o tratamento dos dados obtidos com os outros instrumentos já referidos em 6 instituições de Educação de Infância, num total de 14 salas de Jardim de Infância.

Descobrimos que os Educadores consideram o Jardim de Infância como um lugar potenciador do desenvolvimento da criatividade e têm em conta esse desenvolvimento quando organizam o espaço-sala. Apenas este espaço aparece como considerado de entre todos os locais da instituição que a criança frequenta ao longo do dia.

Pelos dados obtidos percebemos também que os Educadores revelam conhecer um conjunto de estratégias possíveis para o desenvolvimento da criatividade.

Questionámos, assim, as razões que levam a uma certa desarticulação entre as opiniões dos Educadores e o que realmente caracteriza a prática do Jardim de Infância. Esta dificuldade de articulação teoria-prática apresenta-se-nos como a grande questão inibidora de transformações e inovações. Uma reflexão, neste sentido, poderá contribuir para o

* Docente da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

despoletar de estratégias organizativas, facilitadoras de uma acção educativa mais global, por parte das instituições.

O nosso objecto de estudo - as representações de criatividade dos Educadores de Infância - foi escolhido por nós dada a importância que actualmente assume o desenvolvimento da criatividade nas futuras gerações.

O momento presente caracteriza-se por mudanças rápidas e mesmo radicais a todos os níveis, e temos por convicção que os futuros jovens necessitam de se saber adaptar a situações desconhecidas, saber gerir toda a informação a que terão acesso e utilizá-la da melhor forma, e saber ainda inventar cada vez mais soluções novas e criativas para os problemas que no dia-a-dia vão surgindo. Acreditamos que só desenvolvendo o potencial criativo que cada criança possui, ajudando-a, assim, a afirmar-se na sua individualidade, melhor a prepararemos para a adaptação necessária a uma sociedade em mudança.

Escolhemos, ainda, no nosso objecto de estudo os Educadores de Infância, não só pela idade dos educandos, mas também por os considerarmos pedra-chave da construção de uma sociedade em mudança, pelas potencialidades do trabalho em Jardim de Infância, e por como profissionais serem os elementos privilegiados para fornecerem às crianças aprendizagens significativas que serão decisivas para toda uma formação global do ser humano.

Acreditamos no Jardim de Infância como um espaço de formação global, que merece ser reflectido e construído por todos os intervenientes educativos e não podíamos deixar de chamar a atenção com este trabalho para o valor deste nível educativo.

Alguns pressupostos

Falar de desenvolvimento da criatividade como um valor, em contextos educativos, parece-nos oportuno pelos discursos pedagógicos actuais.

No entanto, o desenvolvimento da criatividade aparece formulado de variadíssimas maneiras e associado aos mais diversos aspectos: refere-se desenvolver nas crianças a criatividade, despoletar a criatividade, habituar as crianças a ser criativas, dar-lhes possibilidades de se manifestarem criativamente, fala-se também de educadores criativos, actividades criativas, formas criativas de agir, ser criativo, deixar ser criativo, currículos criativos, métodos criativos, materiais criativos e até de projectos criativos.

Embora com todas estas diferentes traduções ou definições e mesmo por vezes indefinições é bastante significativo que as referências à criatividade apareçam nos actuais debates científicos, pedagógicos e sociais, pois não só são indicadores da importância que o conceito assume, mas também porque despoletam novos debates, novas investigações e reflexões, possibilitando assim a abertura de novos caminhos e a construção de diferentes percursos.

É, no entanto, unânime a importância que a criatividade assume no desenvolvimento

integral do ser humano, nomeadamente ao nível da construção da personalidade.

Munari diz-nos que:

“(...) depende dos educadores ser mais tarde criativo ou um simples repetidor de códigos. Depende destes primeiros anos, da experiência e da memorização dos dados o indivíduo vir a ser livre ou condicionado (...). Os adultos terão de tomar consciência desta enorme responsabilidade, da qual depende o futuro da sociedade humana.” (1987:37 e 39).

Procurando a origem da palavra criar encontramos: “Criar, v. do latim crear, “criar, engendrar, procriar, produzir, dar à luz; criar, escolher, nomear (um magistrado, um chefe, etc.), fig, causar, fazer nascer, produzir” (Machado, 1987:251).

Encontramos frequentemente a ideia de que um indivíduo criativo é um indivíduo artista ou privilegiado com uma forte inspiração, por vezes divina, ou pelo menos, não comum aos restantes humanos.

Há assim a identificação de certos momentos privilegiados, momentos de criação, em que alguns indivíduos se superam, saindo do padrão normal e assumindo uma característica de originalidade e unicidade.

Isto leva a que se tenha considerado durante muito tempo (e até mesmo nos dias de hoje) os indivíduos criativos como os que fogem às regras de comportamento normal, tornando-se diferentes dos outros e até mesmo, por isso, excluídos.

Mesmo face à apreciação das produções dos sujeitos ditos criativos, existe um “ver de fora”, prudente e seguro...

Mas, na evolução das teorias sobre a criatividade encontramos ainda outra percepção de indivíduo criativo identificando-o como “uma pessoa saudável com uma capacidade de intuição altamente desenvolvida” (Wechsler, 1993:3).

Diferentes abordagens da evolução do conceito de criatividade têm vindo a ser feitas: filosóficas, biológicas, psicológicas, psicoeducacionais, psicofisiológicas, sociológicas, psicodélicas e instrumental¹.

1. Confrontar Solange Wechsler (1993) que no seu livro *Criatividade: descobrindo e encorajando* faz um levantamento das diferentes abordagens.

Realçamos aqui apenas algumas perspectivas:

- Abordagens filosóficas - Platão: Criatividade é uma forma de loucura”. Sócrates: “Criatividade - inspiração divina”.
- Abordagens biológicas - Associação da criatividade à transmissão de códigos genéticos e não como educável.
- Abordagens psicológicas - Explanadas segundo diferentes teorias: associativa, comportamental, gestaltista (Skinner, Wenheimer); psicanalíticas (Freud, Jung, Kris, Kubie, Rank); humanistas (Carl Rogers, Rollo May e Maslow); e desenvolvimentais (Piaget, Gowan e Lesner and Hillman).
- Abordagens psicoeducacionais - Teoria cognotivista (Guilford) e teoria educacional (Torrance).
- Abordagens psicofisiológicas - com o estudo sobre os hemisférios cerebrais.
- Abordagens sociológicas - realçando o ambiente facilitador do desenvolvimento da produção criativa (estudos de Torrance, Amabile e Csikszén-Tmihalyi).
- Abordagens psicodélicas - enfatizando a expansão da consciência de maneira construtiva (estudos de Rugg, Makinnon, Khatera).
- Abordagem instrumental - “Teoria da criatividade como investimento” (Sternberg e Lubart).

A identificação da pessoa criativa tem vindo a ser matéria de numerosos estudos, no sentido de compreender quais as atitudes que se deverão estimular ou desenvolver na infância para que, na vida adulta, os indivíduos possam ter uma alta produtividade criativa.

“A conclusão dos estudos nessa área apontou para uma série de características comuns nas pessoas criativas que são:

1. *Fluência e flexibilidade de ideias;*
2. *Pensamento original e inovador;*
3. *Alta sensibilidade externa e interna;*
4. *Fantasia e imaginação;*
5. *Inconformismo;*
6. *Independência de julgamentos;*
7. *Abertura a novas experiências;*
8. *Uso elevado de analogias e combinações incomuns;*
9. *Ideias elaboradas e enriquecidas;*
10. *Preferência de situações de risco;*
11. *Alta motivação e curiosidade;*
12. *Elevado senso de humor;*
13. *Impulsividade e espontaneidade;*
14. *Confiança em si mesmo e autoconceito positivo;*
15. *Sentido de destino criativo”*(Wechsler, 1993:48).

A problemática da criatividade tem sido defendida por diversos autores como tendo grande influência a nível social e humano. Cabezas, Rogers, Wechsler, Prado e Alencar, entre outros, levantam a questão da sua importância educativa, pois só desenvolvendo a criatividade nos podemos preparar para enfrentar um mundo em mudança que irá exigir de todos o saber improvisar, descobrir soluções para os problemas e adaptar-se a novas situações.

Carl Rogers (1985) defende haver uma necessidade imperiosa de em Educação tendermos para formar “pensadores livremente criadores e originais”, ao contrário do que tem sido mais útil e mesmo por vezes funcional, formando “indivíduos conformistas, estereotipados”. Defende-o como uma exigência de “adaptação ao nosso mundo novo, se quisermos sobreviver”.

Agostinho Ribeiro (1992) define a aprendizagem criativa como aprendizagem por descoberta, por resolução de problemas, como aprendizagem pela investigação e como aprendizagem por experiência reflectida.

Esta perspectiva leva-nos a pensar nas implicações pedagógicas e na responsabilidade dos profissionais de educação face ao desenvolvimento da criatividade nas crianças.

Várias reflexões neste sentido têm sido feitas, considerando-se que há determinadas atitudes² que facilitam o desenvolvimento da criatividade e também que os próprios

2 Confrontar David Prado (1988) que considera ser necessário que o professor se envolva de uma mentalidade, atitude e estilo de fazer, orientado pelos seguintes princípios: respeitar todas as respostas e reacções dos alunos, deixar as crianças descobrir as ideias e soluções por si próprias, fazer surgir o maior número possível de ideias e reacções, incentivar a originalidade.

professores têm que ter certas características ou mesmo vocação para o ensino, tornando-se assim professores criativos³.

Prioridades educativas actuais

Com a aproximação do séc.XXI, algumas inquietações parecem abalar as certezas que a comunidade educativa pensava possuir, e fazem questionar qual poderá ser o caminho a seguir para educar para tão incerto futuro... Com a rápida mudança das sociedades e mentalidades não podemos afirmar hoje com que desafios, ou problemas, se vão deparar as crianças na sociedade vindoura. Dizendo de outra forma, não sabendo com certeza para que sociedade devemos educar, sabemos sim que temos que educar para a mudança, para o não previsto e até mesmo para o não conhecido.

Acreditamos que em Educação a transformação e actualização das mentalidades, técnicas e saberes são palavras-chave da construção de um caminho possível.

Educar é, assim, também transformar. Transformar os nossos desejos em realizações e os nossos não desejos em possibilidades. Transformar os nossos percursos em alternativas e percebermos que com a nossa acção, transformamos o que poderia vir a ser, ou a não ser, no que realmente é e acontece e construímos.

Educar é aceitar que temos limites, características próprias, saberes e não saberes que se transformam, ideias feitas, construídas e reconstruídas... aceitar que **não podemos tudo, mas podemos muito, tanto quanto os novos desafios o exigirem.**

Compreendemos que neste momento, surjam da parte da Comissão Europeia, propostas e incentivos para implementar uma política cultural europeia para as crianças, que atenda, entre outros factores, a que "a tendência para um comportamento positivo, individual ou de grupo, pode ser cultivada na infância - criatividade, espírito de cooperação, aptidões sociais e bases para formação e desenvolvimento de um indivíduo e cidadão comunicativo" (Sklavounos, 1996:6).

Neste sentido, "as prioridades educativas passam a situar-se caracterizadamente, entre outras, no foro da construção de competências: comunicacionais, relacionais, criativas, tecnológicas, negociais, estéticas, éticas, comunitárias e de cidadania"(Carneiro, 1996:48).

Acreditamos que neste estudo ao abordar a questão das "Representações de Criatividade dos Educadores de Infância", estamos não só a reflectir preocupações de práticas de intervenção ao nível do Jardim de Infância, mas a tocar num dos pontos possíveis da alavanca que nos torna transformadores da sociedade.

³ Cabezas (1993), referindo Torrance, apresenta tais professores como os que "sabem dar-se conta do que sucede em cada momento na sua aula, sabem perceber as necessidades e os interesses dos alunos, sabem ser flexíveis, são espontâneos, são originais, são intuitivos em seus juízos e apreciações, sabem transmitir curiosidade aos alunos, sabem organizar e apresentar de tal maneira a matéria que os alunos acabam por gostar a apreciá-la vendo o seu significado e importância".

Poderemos estar a contribuir para uma reflexão que tenha em vista a construção de cidadãos capazes de olhar de frente os desafios do futuro, pois acreditamos que através do desenvolvimento da criatividade, será possível exercitar algumas competências fundamentais, defendidas por Landsheere.

“Hoje em dia, os jovens (e os seus progenitores) têm que enfrentar desafios multiformes. Se adquirirem bases sólidas, desde o princípio da escolaridade (sobretudo desde o princípio), cada pessoa, na posse de uma boa saúde física e mental deve ser capaz de, designadamente:

- receber e analisar a informação e continuar a conquistar o conhecimento ao longo de toda a vida;
- comunicar;
- detectar os problemas e ter ideias para os resolver;
- elaborar projectos;
- antecipar;
- trabalhar em condições caracterizadas pela mudança e pelo movimento;
- decidir e agir sem possuir todos os elementos de informação desejados;
- de tolerar as tensões e as incertezas;
- aderir profundamente aos valores humanistas” (Landsheere, 1996:86).

Na actual Lei Quadro da Educação Pré-Escolar (Lei nº5/97 de 10 de Fevereiro) já não encontramos os objectivos definidos na Lei de Bases do Sistema Educativo, para a educação Pré-Escolar relativamente ao desenvolvimento da criatividade, senão enquanto:

“Estimular o desenvolvimento global de cada criança, no respeito pelas suas características individuais, incutindo comportamentos que favoreçam aprendizagens significativas e diversificadas” e “Despertar a curiosidade e o pensamento crítico” (Lei nº5/97 de 10 de Fevereiro, artigo 10º, alíneas d) e f)).

Nos objectivos do Ensino Básico encontramos a criatividade identificada essencialmente com a área das artes, das expressões (nomeadamente ao nível musical e plástico), da educação extra-escolar e desporto escolar.

Assim, neste trabalho, assumimos como hipótese que a criatividade ou o desenvolvimento da mesma, nas crianças em idade de Jardim de Infância, apenas parece ser um valor aceite por todos os que directamente interferem no seu processo educativo e que se encontra associado a determinadas actividades, devidamente contextualizadas e delimitadas numa área aglutinante (essencialmente ao nível das expressões e, destas, as mais directamente relacionadas com a plástica) e a determinados espaços da sala.

Acreditamos também que a forma como o Educador se situa face ao desenvolvimento da criatividade no Jardim de Infância, não é independente da sua formação pessoal e profissional, do seu posicionamento face à educação infantil versus escola regular e do meio em que se insere a Instituição (expectativas dos pais face ao Jardim de Infância, tradições culturais e a inserção do Educador nesse meio), entre outros factores.

Caracterização do estudo

O trabalho desenvolvido, sendo um estudo das representações dos Educadores de Infância sobre o desenvolvimento da criatividade no Jardim de Infância, centra-se nas opiniões de diversos Educadores e também na organização de alguns Jardins de Infância, por esta organização poder significar uma opção pedagógica por parte da comunidade educativa e um conjunto de estruturas potenciadoras do que a mesma comunidade valoriza, ou não priorita, em termos educativos e de desenvolvimento da criança.

Através de um inquérito por questionário pretendeu-se recolher dados para definir observações e registos a efectuar com outros instrumentos em fases consequentes do trabalho. Para tal recolheu-se a opinião dos Educadores de Infância (através deste inquérito) sobre a importância que atribuem ao desenvolvimento da criatividade no Jardim de Infância e como o pensam estar a realizar.

Também se pretendeu verificar se há diferenças nos objectivos / espaços / materiais e actividades, conforme o grupo etário das crianças. Este aspecto não sendo objectivo do nosso estudo pode ajudar a clarificar se a idade das crianças influencia as representações dos Educadores de Infância.

O estudo pode enquadrar-se, pela forma como foi realizado e pelos seus objectivos, como um estudo essencialmente qualitativo, utilizando metodologias e técnicas qualitativas.

Como técnica de pesquisa e tratamento da informação utilizámos fundamentalmente a análise de conteúdo, por esta nos permitir considerar a realidade observada como um campo em que os fenómenos se entrecruzam contendo "zonas de disponibilidade "heurística" que se aperfeiçoam e sugerem novas perguntas, iluminam novos problemas e desembocam em novas soluções" (Almeida e Pinto, 1987:64).

Preendendo-se reflectir sobre as "Representações de criatividade dos Educadores de Infância", procedeu-se à construção dos instrumentos de recolha de dados em função dos seguintes objectivos do estudo:

Objectivos do inquérito por questionário:

Verificar se ao nível dos objectivos do Jardim de Infância indicados pelos Educadores aparece o desenvolvimento da criatividade entre os primeiros a serem referidos.

Verificar se o desenvolvimento da criatividade é considerado como potenciado pelo Jardim de Infância em oposição ao Ensino Básico.

Verificar se o desenvolvimento da criatividade está mais identificado com alguns espaços da sala do Jardim de Infância.

Verificar se o desenvolvimento da criatividade está mais identificado com algumas actividades e materiais do Jardim de Infância.

Detectar quem define maioritariamente os espaços na sala (uma gestão do espaço por parte das crianças é um dos aspectos importantes no desenvolvimento da criatividade -

relação com tomada de decisões, resolução de problemas).

Verificar se é habitual as crianças poderem escolher a actividade e definir os materiais ou se é o Educador que o costuma fazer (por um lado permite reflectir se a criança se confronta com situações de escolha, por outro se são definidos pelo adulto, há que analisar o que este privilegia - comparado com os que considerou potenciadores do desenvolvimento da criatividade).

Descobrir que características / qualidades os Educadores associam à criança criativa.

Que características / qualidades atribuem ao Educador facilitador do desenvolvimento da criatividade.

Objectivos da elaboração de plantas das salas:

Verificar que espaços / áreas existem nas salas, ou seja, de que forma estas estão divididas e organizadas.

Detectar que espaços / áreas o adulto privilegia na sala (pelo espaço físico que ocupa e pela disposição do mesmo).

Verificar como estão os espaços organizados, polivalência dos mesmos e ligação entre eles.

Confrontar espaços existentes com os que os Educadores dizem favorecer o desenvolvimento da criatividade.

Objectivos da elaboração da ficha de organização espaço / material das salas:

Descobrir que tipo de materiais existem nas diferentes salas e suas áreas.

Verificar como os espaços estão organizados, polivalência dos mesmos e ligação entre eles.

Ver que tipo de actividades se espera que a criança desenvolva, dentro de cada área, através das propostas que os materiais induzem.

Confrontar espaços e materiais existentes com os que os Educadores, nos inquéritos, dizem favorecer o desenvolvimento da criatividade.

Objectivos da grelha de registo de actividades ao longo de um dia:

Ao nível da Instituição:

Descobrir o tempo de permanência das crianças nas diferentes instituições.

Verificar qual a proposta educativa das instituições através da organização de horário / actividades (considerou-se aqui actividade no sentido lato incluindo rotinas, recreios, prolongamentos, etc.) com distribuição do tempo no seu todo do dia-a-dia do Jardim de Infância.

Verificar em que tipo de actividades passam as crianças a maior parte do tempo.

Verificar em que espaço (sala, recreio, refeitório, dormitório, polivalente, etc) da instituição passam as crianças a maior parte do tempo.

Verificar quanto tempo de actividade individual, de grupo (com o seu grupo etário) ou grande grupo (em conjunto com crianças de outras salas) existe para as crianças.

Descobrir qual o *ratio* adulto-criança ao longo dos diferentes momentos do dia.

Detectar qual o tempo em que as crianças estão com a acção directa da educadora.

Ao nível da sala de actividades:

Detectar que predominância de actividades existe (orientadas ou de "livre escolha") e a diversidade das mesmas.

Verificar se há variação do tipo de actividades conforme o grupo etário.

A amostra definida para este estudo foi seleccionada dentro do Universo dos Educadores de Infância, em exercício em Jardins de Infância do Grande Porto.

Dividiu-se a amostra em dois grupos que designaremos por A e B:

Grupo A - Aos quais se passou um inquérito por questionário

Grupo B - Constituído pelos Educadores a leccionar em Instituições onde se fez observação e recolha de dados através dos seguintes instrumentos: Ficha identificativa das instituições, Plantas das salas, Ficha de organização espaço/material das salas, Grelha de registo de actividades ao longo de um dia.

Instrumentos de recolha de dados

Inquérito por questionário:

O inquérito por questionário na sua forma final é constituído por dois grupos de questões:

Grupo I - considerado de **Identificação Pessoal e Profissional**, em que se inquiria dados como: idade, anos de serviço, escola de formação, habilitações e tipo de instituição onde os Educadores exercem actividade, bem como a identificação do grupo etário com que cada Educador está a trabalhar no presente ano lectivo.

Grupo II - neste grupo de questões abordam-se: "os objectivos do Jardim de Infância", "razões pelas quais os pais colocam as crianças no Jardim de Infância", "o Jardim de Infância e a Escola Primária, sim ou não, como potenciadores do desenvolvimento da criatividade", "os espaços, actividades e materiais mais propiciadores do desenvolvimento da criatividade", "características e atitudes das crianças criativas", "organização e selecção de espaços, materiais e actividades na sala", "características e atitudes do Educador facilitador do desenvolvimento da criatividade na criança" e "estratégias possíveis para maior desenvolvimento do potencial criativo da criança no Jardim de Infância".

Ficha identificativa das instituições:

A ficha é composta por vários itens: tipo de instituição, salas existentes, espaços existentes, caracterização do meio de inserção da instituição e do meio das crianças que a frequentam, gestão da instituição, caracterização da equipa pedagógica, constituição das diferentes salas e horário de funcionamento da instituição.

Plantas das salas:

A recolha de dados realizada através das plantas das salas processou-se em dois momentos do ano distintos: início do ano lectivo (que pode transmitir mais uma proposta do adulto), meio do ano lectivo (que pode reflectir mais uma transformação do espaço operada pelo grupo de crianças).

Ficha de organização espaço/material das salas:

Nesta ficha foram registados aspectos como: divisão das áreas, dimensão das áreas, lista de materiais por área, espaço livre, nº de crianças em cada área, espaços de ligação, espaços de frequência só com adulto, espaços de frequência por crianças sozinhas, espaços que só às vezes são usados.

A recolha de dados realizada através do preenchimento desta ficha processou-se (tal como a elaboração das plantas das salas) em dois momentos do ano distintos.

Grelha de registo de actividades ao longo de um dia

Esta grelha é constituída pelos seguintes indicadores de observação: Horário, nome ou designação da actividade, proposta por/escolhida por, local, grupo/individual, nº de crianças por grupo, nº de adultos por grupo/criança, materiais utilizados, crianças que a desenvolvem, comentários.

Para obter a sequência de actividades ao longo de um dia no Jardim de infância foram efectuados os registos de todos os dias de uma semana e em semanas diferentes.

Tratamento e discussão dos dados

O tratamento de dados final estruturou-se a partir das questões colocadas no inquérito por questionário e dos diferentes conceitos que através deste se tentou clarificar, entrecruzando os resultados obtidos no respectivo inquérito com os dados recolhidos através dos instrumentos utilizados.

Os objectivos do Jardim de infância

Lembramos com Zabalza que: "Face à prática educativa concreta, os objectivos pressupõem a explicitação (a "confissão") das intenções e propósitos que se perseguem

através da acção escolar. Os objectivos concretizam, em afirmações globais, ideias de procedimento, resultados previstos ou, por fórmulas diversas, aquilo que se considera valioso para esse grupo de sujeitos, o que seria necessário, oportuno ou desejável que conseguissem com a sua experiência escolar" (1992:103).

Dos 33 inquiridos, 25 consideram como um dos objectivos fundamentais do Jardim de Infância "a **socialização da criança**". Embora se pudesse pensar que este objectivo teria maior incidência nos sujeitos que acompanham os 3 anos, tal não acontece uma vez que apenas 5 das respostas pertencem a grupos de 3 anos, não se encontrando nenhuma predominância significativa quanto às idades.

Também com um número significativo de respostas - 19 inquiridos - encontramos como objectivo "**o desenvolvimento integral da criança**". Lembramos aqui que ter a "**acção voltada para o desenvolvimento integral do aluno**" é uma das características de uma escola que promove a criatividade ou seja do "Perfil de uma escola criativa" (Alencar, 1997:10).

Dos 33 inquiridos apenas 7 referem como um dos objectivos fundamentais "a **criatividade da criança**", e curiosamente, apesar desta questão pertencer a um grupo denominado "O desenvolvimento da criatividade no jardim de Infância", nenhum inquirido colocou este objectivo em 1º lugar.

Destas 7 respostas que elegem como objectivo fundamental "**o desenvolvimento da criatividade**", 5 designam apenas "a criatividade" enquanto 2 associam a criatividade quer à linguagem e psicomotricidade, quer às capacidades de expressão e comunicação.

É de salientar que em todas as respostas se nota um conceito de criatividade como algo que existe já em todas as crianças e que poderá ser potenciado / promovido / desenvolvido / favorecido. Em nenhuma resposta encontramos a noção de iniciação à criatividade, como algo de novo a acontecer no desenvolvimento da criança por acção do Jardim de Infância.

Curiosamente a forma como os objectivos são definidos varia muito entre os inquiridos, aparecendo as seguintes formulações: favorecer, proporcionar, dar, desenvolver, promover, ajudar, colaborar (com os pais), educação (da), contribuir, estimular, possibilitar, incentivar, satisfazer (necessidades e interesses), organizar (tempo diário), detectar/despistar/superar, preparar, potenciar, fomentar, criar (o gosto), permitir, motivar, valorizar, despertar, incutir.

De notar que no conjunto de respostas, apenas 4 inquiridos utilizam, na formulação dos objectivos, o verbo **dar** e apenas uma resposta utiliza o verbo **incutir**.

Relação Família/Jardim de Infância

O Jardim de Infância tem sido desde há algum tempo definido como um espaço de educação em complementaridade com a família.

Recentemente foi definido pela Lei Quadro da Educação Pré-Escolar (1997) que "A

educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo da educação ao longo da vida, sendo complementar da acção educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita cooperação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário.”

Desta forma, após perceber quais os objectivos do Jardim de Infância, segundo os Educadores, pareceu significativo saber se essas intenções educativas entrecruzavam com as intenções familiares.

Dos 33 inquiridos a totalidade deles considera que os pais colocam as crianças no Jardim de Infância “**por necessidade**” e 19 indivíduos acrescentam a razão de “**promover a socialização da criança**”. Apenas 8 inquiridos apontam razões que têm a ver com o facto de os pais “**reconhecerem a importância do Jardim de Infância**” e “**acreditarem nos seus objectivos**”.

Jardim de Infância: um lugar potenciador do desenvolvimento da criatividade?

Curiosamente, embora quando se interpelou os Educadores quanto aos objectivos do Jardim de Infância, apenas 7 referissem o desenvolvimento da criatividade, ao serem questionados desta forma a totalidade dos indivíduos considera o Jardim de Infância como um lugar potenciador do desenvolvimento da criatividade.

As razões apontadas têm a ver com a diversidade e qualidade dos recursos humanos ou físicos e com a variedade de actividades e situações que proporciona.

Esta perspectiva coincide com a de alguns investigadores do desenvolvimento da criatividade, na medida em que o professor / educador é considerado “tanto como elemento facilitador do desenvolvimento e da expansão da criatividade, quanto como elemento bloqueador das possibilidades de crescimento do aluno. (...) Pode tanto conscientizar o aluno de seus talentos e possibilidades, como minar a sua confiança em sua própria capacidade e competência” (Alencar, 1997:5).

Relativamente ao Ensino Básico face ao desenvolvimento da criatividade, é curioso notar que os programas/conteúdos e aprendizagens tanto são apontados como razão para a Escola Primária ser potenciadora do desenvolvimento da criatividade (associando estes a novos programas e métodos), como obstáculo a esta desenvolver tal função (associados a aprendizagens formais e programas a cumprir).

Também a comparação com o Jardim de infância aparece com um duplo sentido: ora ajuda o Ensino Básico a ser potenciador do desenvolvimento da criatividade, por continuidade, ora o impede por comparação com o mesmo.

A organização do espaço/tempo - estratégia privilegiadora do desenvolvimento da criatividade?

Este estudo caracterizou-se por uma grande preocupação quanto à organização do

espaço no Jardim de Infância, pela importância que esta caracterização tem.

“O espaço na educação constitui-se como uma estrutura de oportunidades. É uma condição externa que favorecerá ou dificultará o processo de crescimento pessoal e o desenvolvimento das actividades instrutivas. Será facilitador ou pelo contrário limitador, em função do nível de congruência relativamente aos objectivos e dinâmica geral das actividades postas em marcha ou relativamente aos métodos educativos e instrutivos que caracterizam o nosso estilo de trabalho”(Zabalza, 1992:120).

Neste nível de ensino educativo podemos encontrar associado a diferentes metodologias, variadíssimas arrumações espaciais, pois a forma como o espaço é aproveitado, preenchido pelos materiais e dinamizado representa necessariamente opções metodológicas.

Os espaços mais referidos pelos inquiridos como privilegiadores do desenvolvimento da criatividade na criança são a área da **Expressão Plástica** (22 inquiridos) e a **Casinha das Bonecas** (19 inquiridos), áreas estas que observamos existirem em todas as plantas das salas. Parece podermos concluir que quando os Educadores organizam o espaço-sala têm em conta o desenvolvimento da criatividade das crianças, através das áreas que lhes oferecem para desenvolver as suas actividades.

Verificamos também que estas áreas (de acordo com o que os Educadores respondem no inquérito por questionário) são maioritariamente definidas e organizadas pela criança, embora em parceria com os Educadores.

Não notamos, no entanto, uma diferença significativa na definição e organização destas áreas relativamente ao geral das salas, o que nos leva a concluir que a definição e a organização das áreas da sala pelo adulto ou pela criança não é uma estratégia que os Educadores utilizem para determinadas áreas mas sim uma forma de gerir o espaço-sala na sua globalidade.

Tendo também inquirido os Educadores relativamente à possibilidade que as crianças têm de escolher determinados espaços para trabalhar, verificamos que sim, que podem, mas com algumas limitações: uma parte significativa dos inquiridos explicita que tal acontece em determinadas actividades - “**actividades livres**” (13 sujeitos), outro conjunto de respostas associa a escolha da criança a certos momentos do dia e ainda algumas respostas associam a escolha a uma sequencialidade de actividades.

A maioria das respostas parece estar condicionada ao factor tempo. Haverá um tempo em que é possível esta escolha, não sendo esta necessariamente uma opção metodológica que acompanha o desenvolvimento e organização de todo o dia, mas sim que acontece em tempos específicos, logo necessariamente alternando com outros tempos em que tais escolhas não são permitidas.

Analisando as plantas das salas verificamos que a soma do número de crianças que podem frequentar cada área, não excede muito o número de crianças que constituem os diferentes grupos. Logo, as crianças podem escolher a área para onde querem ir trabalhar

durante um certo tempo do dia, se esta área não estiver já preenchida por outras crianças.

Curiosamente uma das áreas mais frequentemente limitada e com um número muito restrito de opções é a **Casinha das Bonecas** que, lembramos, foi uma das seleccionadas pelos Educadores como promotora do desenvolvimento da criatividade.

Recorrendo aos dados recolhidos através do registo de actividades ao longo de um dia verificamos que há uma grande predominância de tempo passado pelas crianças em locais de rotinas, ou seja, as crianças passam a maioria do tempo nos recreios, dormitórios, refeitórios e salas de prolongamento (ou televisão). O espaço-sala é ocupado apenas durante uma parte do dia, que nalgumas instituições, e em especial nos grupos de 3 anos, é bastante reduzida.

A nossa preocupação relativamente a estes dados relaciona-se com o facto de certos espaços considerados como promotores do desenvolvimento da criatividade existirem apenas na sala de actividades.

As actividades - seu contributo para o desenvolvimento da criatividade

Compreendemos que, como diz David Prado, "(...) para o comum, falar de criatividade nos primeiros cursos escolares é pensar em actividades livres de pintura, em aprendizagem de canções, exercícios dramatizados ou psicomotores com mais ou menos regras, quer dizer, a criatividade confunde-se na prática com todo o tipo de expressão plástica ou corporal" (1988:20).

Acrescentaríamos que não é só para o comum dos cidadãos que tal acontece, mas também para os profissionais de educação nomeadamente para os Educadores de Infância.

Da análise das actividades apontadas pelos inquiridos como as que mais contribuem para o desenvolvimento da criatividade da criança, verificamos que as opiniões mais representativas indicam a "**Expressão Plástica**" (13 inquiridos) e a "**Expressão Dramática**" (11 inquiridos).

Os materiais - ao serviço do desenvolvimento da criatividade?

Através do inquérito por questionário, verificamos que quase todos os inquiridos (30 indivíduos) consideram existirem materiais mais propiciadores do desenvolvimento da criatividade do que outros. Destes 30 inquiridos, 16 referem "**material de desperdício**", 11 referem "**arca das trapalhadas**" e 10 elegem o "**material de expressão plástica**".

Estas respostas parecem vir de encontro ao que tem vindo a ser respondido nas questões anteriores, quando os inquiridos elegem como **espaços** privilegiadores do desenvolvimento da criatividade a "expressão plástica" e a "casinha", e como **actividades** a "expressão plástica" e "expressão dramática".

Educador promotor do desenvolvimento da criatividade

Inquirimos os Educadores relativamente às características pessoais que pensam possuir

que os ajudem como educador facilitador do desenvolvimento da criatividade nas crianças, bem como relativamente às atitudes que pensam ter nesse sentido.

As resposta a estas questões são bastante diversificadas obtendo-se uma listagem donde realçamos como **características** mais significativas a **criatividade** (9 respostas), **dinamismo e imaginação** (8 respostas) e como atitudes: "elogiá-las/incentivar valorizar o seu trabalho/ desenvolver projectos" (7 respostas), "saber dar tempo às crianças para explorar materiais/deixar a criança expressar-se livremente/ aceitar a opinião da criança/ proporcionar-lhes o maior nº de experiências" (12 respostas).

Citamos aqui apenas uma das sugestões dadas por J. A. Smith, para uma acção docente criativa, por nos parecer abrangente e englobadora das várias opiniões obtidas:

"No ensino criativo há que pôr certas condições para permitir a criatividade aparecer: uma sala rica em variedade de estímulos e recursos didácticos; umas condições psicológicas de boa relação com os alunos, de apreço e desejo de que façam coisas criativas, de que tenham ideias próprias, de que participem e experimentem; um clima de aceitação e segurança psíquica" (Smith, cit. por Prado, 1988:30).

Congratulamo-nos com as respostas dos Educadores pois demonstram terem já reflectido no que pode ajudar a desenvolver a criatividade nas crianças.

Estratégias para o desenvolvimento da criatividade

"O estabelecimento de um ambiente mais favorável ao desenvolvimento e expressão da criatividade no contexto educacional é uma exigência dos tempos actuais (...) É tarefa de cada educador contribuir para as mudanças que se fazem necessárias no ensino, possibilitando o desenvolvimento e expressão do talento, da criatividade, do potencial humano" (Alencar, 1991:16).

Cientes da importância do papel do Educador para o desenvolvimento da criatividade da criança no Jardim de Infância, não podíamos deixar de questionar os Educadores quanto à forma como consideram que seria possível desenvolver melhor o potencial criativo da criança.

As respostas obtidas podem-se agrupar em três categorias distintas conforme se coloca o problema, nas **formas de intervenção do Educador** (actividades, materiais, aceitação da criança, intercâmbio com o exterior, organização do tempo) **nas estruturas externas ao Educador** (número de crianças, espaços, condições de trabalho) ou **na formação adequada dos Educadores**.

O facto de todos os Educadores responderem a esta questão parece demonstrar que sabem como seria possível desenvolver melhor o potencial criativo da criança no Jardim de Infância; mas, provavelmente, ainda não conseguiram encontrar formas de o operacionalizar, ou não têm meios para o fazer.

Apraz-nos também verificar que todos os Educadores reflectiram nalguma forma de desenvolver melhor o potencial criativo da criança no Jardim de Infância, não se

manifestando, completamente, suficientemente satisfeitos com a forma como já o fazem.

Conclusão

Seria interessante, partindo dos dados aqui obtidos, promover uma reflexão com Educadores de Infância no sentido de rentabilizar todos os espaços que a criança frequenta ao longo do dia, utilizando-os em actividades promotoras do desenvolvimento da criatividade.

Igualmente nos parece importante a realização de posteriores estudos com vista a detectar estratégias que promovam uma melhor organização do tempo e espaços no Jardim de Infância, bem como a apetrechar os Educadores de um conjunto de sugestões promotoras do desenvolvimento da criatividade.

Dado o momento actual, em que o Ministério da Educação assumiu para si a tutela pedagógica das Instituições de Educação Pré-Escolar e divulgou Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, surge agora como necessário, encontrar formas de, de acordo com as mesmas, construir currículos promotores do desenvolvimento da criatividade das crianças.

Urge reflectir na necessidade de todas as propostas educativas das Instituições de Educação de Infância terem uma articulação e continuidade com vista a potencializar o desenvolvimento das crianças.

Percebemos através deste estudo que o desenvolvimento da criatividade nos Jardins de Infância, sendo já aceite, tem que ser repensado ao nível da sua operacionalização.

Acreditamos no valor do Jardim de Infância e nas potencialidades dos Educadores, e congratulamo-nos com a colaboração que encontramos pela parte destes, bem como por tudo o que sentimos ser interesse e disponibilidade para inovar, melhorar e criar.

Bibliografia

- ALENCAR, Eunice Soriano de (1997). *A Educação para a Criatividade*. Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasil. Texto policopiado.
- ALENCAR, Eunice Soriano de (1991). "As bases da produção criativa" in *Actas das 4ª Jornadas de Actualização e Inovação Pedagógica*. Maia, CAIP/DIDÁLVI.
- ALMEIDA, J.F. de. PINTO, J. Madureira (1987). "Da teoria à investigação empírica. Problemas metodológicos gerais" in *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto, Edições Afrontamento, 2ª edição.
- CABEZAS, Juan Antonio (1993). *La creatividad - Teoría básica e implicaciones pedagógicas*. Salamanca, Gráficas Cervantes, S.A.
- CARNEIRO, Roberto (1996). "A evolução da economia e do emprego. Novos desafios para os sistemas educativos no dealbar do séc.XXI" in *A Educação do Futuro, o Futuro da Educação*. Porto, Edições ASA.
- LANDSHEERE, G. (1996). "O novo papel dos professores face às mudanças sociais e económicas e os consequentes desafios a empreender pelos sistemas educativos" in *A Educação do Futuro, o Futuro da Educação*. Porto, Edições ASA.

- MACHADO, José Pedro (1987). "Criar" in *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 2º volume, Lisboa, Livros Horizonte, 4ª edição.
- MUNARI, Bruno (1987). *Fantasia - Invenção, criatividade e imaginação na comunicação visual*. Lisboa, Editorial Presença, 2ª edição.
- PRADO, David de (1988). *Técnicas creativas y lenguaje total*. Madrid, Nárcea, S.A. de Ediciones.
- RIBEIRO, Agostinho (1992). "Criatividade, Expressões e Aprendizagem criativa" in *Comunicações do V Encontro Nacional de Ludotecas*. Porto, Associação de Ludotecas do Porto. Texto policopiado.
- ROGERS, Carl (1985). *Tornar-se Pessoa*. Lisboa, Moraes Editores, 7ª edição.
- SKLAVOUNOS, G. (1996). Relatório sobre "A Política cultural europeia para as crianças". Comité Económico e Social da Comunidade Europeia, Bruxelas.
- WECHSLER, Solange Múglia (1993). *Criatividade: descobrindo e encorajando*. Campinas/São Paulo, Editorial Psy.
- ZABALZA, M. (1992). *Didática da Educação Infantil*. Porto, Edições ASA, 1ª edição.